

Revista **a**

# EVOLUÇÃO

Ano III - nº 24 - Janeiro/2022 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573



## EVOLUINDO SEMPRE COM VOCÊ

### DESTAQUES

UMA PROPOSTA PARA RECONHECER AS CATEGORIAS DO SISTEMA DE ARTES VISUAIS: MUSEU E ARTISTAS

Adriana Santos Morgado



PROPOSTA E POSSIBILIDADE DE MUDANÇA NA ESCOLA

Alexandre Passos Bitencourt



O JORNAL COMO UM RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM INTERDISCIPLINAR

Luís Venâncio



### POIESIS

Elias Alves

J. Wilton

Manuel Francisco Neto



Filada 2:  
**ABEC**  
BRASIL  
Associação Brasileira de Editores Científicos



[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

# Revista **EVOLUÇÃO**

Ano III - nº 24 - Janeiro de 2022

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (Angola):**

Manuel Francisco Neto

**Coordenaram esta edição:**

Ana Paula de Lima

Andréia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Thais Thomas Bovo

Vilma Maria da Silva

**Organização:**

Andréia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO**

Adelina Ursula Correia de Lima

Adriana Santos Morgado

Alexandre Passos Bitencourt

Diego Daniel Duarte dos Santos

Elaine Cristina Reis de Lemos

Evelice de Souza Evangelista

Juliana Aparecida Pinheiro de Araujo

Luís Venâncio

Marta Batista Justino Caetano

Vanda de Lima Rodrigues

Vilma Maria da Silva



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.24>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 24 (jan. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

78 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



São Paulo  
2022

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (ANGOLA):**

Manuel Francisco Neto

**Comissão editorial:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima

Denise Mak

Patrícia Tanganelli Lara

Thaís Thomas Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Me. Adeílson Batista Lins

Profa. Esp. Ana Paula de Lima

Profa. Me. Andreia Fernandes de Souza

Profa. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Me. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Profa. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Edição, Web-edição e projetos:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

**Contatos**

Tel. (11) 98031-7887

Whatsapp: (11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com

https://primeiraevolucao.com.br

São Paulo - SP - Brasil

netomanuelfrancisco@gmail.com

Luanda - Angola

**Imagens, fotos, vetores etc:**

https://publicdomainvectors.org/

https://pixabay.com

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições  
**Livro Alternativo**

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

**PROPÓSITOS:**

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

**PRINCÍPIOS:**

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.  
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



**A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais**

Filiada à:



**www.primeiraevolucao.com.br**

# SUMÁRIO

## 05 APRESENTAÇÃO

Prof. Antonio R. P. Medrado

## COLUNAS

### 6 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

### 77 POIESIS

Elias Alvez

J. Wilton

Manuel Francisco Neto

Agradecimento especial às alunas:  
Nathy e Eloah Santos.

## ARTIGOS

\* Destaque

1. A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS CANTADAS NA ESCOLA Adelina Ursula Correia de Lima	11
★ 2. UMA PROPOSTA PARA RECONHECER AS CATEGORIAS DO SISTEMA DE ARTES VISUAIS: MUSEU E ARTISTAS Adriana Santos Morgado	15
★ 3. PROPOSTA E POSSIBILIDADE DE MUDANÇA NA ESCOLA Alexandre Passos Bitencourt	23
4. O PRINCÍPIO DA SEGREGAÇÃO INDEPENDENTE DOS GENES PRESENTES EM LIVROS DIDÁTICOS Diego Daniel Duarte dos Santos	33
5. CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS Elaine Cristina Reis de Lemos	37
6. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO INFANTIL Evelice de Souza Evangelista	43
7. A IMPORTÂNCIA DE UMA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA Juliana Aparecida Pinheiro de Araujo	47
★ 8. O JORNAL COMO UM RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM INTERDISCIPLINAR Luís Venâncio	51
9. A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA INFÂNCIA Marta Batista Justino Caetano	61
10. A ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Vanda de Lima Rodrigues	65
11. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Vilma Maria da Silva	71

## O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VILMA MARIA DA SILVA

**RESUMO:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva. Geralmente, por volta dos dois ou três anos de idade, período em que a criança está estabelecendo suas relações sociais, envolvendo-se com pessoas fora do seu convívio familiar e frequentando diferentes espaços, como é o caso da Educação Infantil. É importante lembrar a grande variabilidade na apresentação dos TEA, no que diz respeito tanto aos prejuízos em interação social, comportamento e comunicação quanto ao grau de eventual comprometimento intelectual. Assim, a metodologia do presente artigo está baseada em levantamento bibliográfico sobre o tema em questão, levantando quais as dificuldades enfrentadas pelos docentes na Educação Infantil para que o processo de inclusão aconteça.

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Autismo. Aprendizagens. Educação Especial. Inclusão.

### INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está relacionada a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita com relação aos interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva (KHOURY et al., 2014).

Historicamente, o vocábulo foi utilizado pela primeira vez em 1911, a partir das pesquisas de Bleuler, compreendendo o problema como uma característica da esquizofrenia. Em 1943, através dos estudos de Kanner, o autismo passou a apresentar uma definição clínica específica, não mais sendo julgado como um tipo de esquizofrenia.

Em 1944, Asperger publicou o trabalho intitulado "Autistic psychopathy in childhood" em "Autism and Asperger Syndrome" com base nos pacientes que ele cuidava relacionando características mais amplas que as observadas por Kanner, incluindo casos envolvendo comprometimento orgânico. Asperger chamou a atenção para as peculiaridades dos gestos que eram carentes de significado e caracterizados por estereotípias, da fala sem erros gramaticais, porém considerada monótona e a forma de se aproximar das pessoas. Ainda, em determinados casos, o pesquisador percebeu a ausência de contato visual e de problemas na interação social entre portadores do transtorno em suas relações familiares (BOSA et al., 2012).

Assim, historicamente, diversos foram os conceitos apresentados para o autismo, variando conforme a área de pesquisa. Ao longo do tempo, surgiram conceitos com aplicação de termos relacionando a psicose e a esquizofrenia ao autismo, aplicados por Kanner e Asperger, além do Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID) pela psicologia e do Transtorno global de desenvolvimento (TGD) pela psiquiatria. Atualmente a área da Neurociência classifica o autismo como uma patologia neurológica utilizando o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nela se inclui o autismo propriamente dito, a Síndrome de Asperger e a Síndrome de Rett (CONSENZA e GUERRA, 2011).

A mais recente classificação do CID-11, publicada em 2022, unificou todos os diagnósticos relacionados a essa condição em um único código, o , trazendo apenas como. A ideia foi contribuir para o diagnóstico a fim de facilitar o atendimento na área da saúde

---

Esse transtorno está relacionado a uma série de características, com diferentes níveis de severidade e conexão com outros tipos de transtornos fazendo com que cada indivíduo apresente uma atenção individualizada tanto para a família, como para os profissionais clínicos e docentes.

No caso do Brasil, apesar da carência de estudos epidemiológicos que possam melhor computar os dados nacionais, uma pesquisa realizada nos últimos anos indicou que os índices de acometimento pelo autismo são de 27,2 casos para cada 10.000 habitantes (LEVENSON, 2015).

## EDUCAÇÃO E INCLUSÃO NO BRASIL

No Brasil até meados do século XVIII, ocorria movimentos de exclusão, pois, as pessoas com deficiência eram retiradas do convívio social, não tendo seus direitos preservados e nem eram aceitos pela sociedade. No século seguinte, verificam-se registros de movimentos de segregação parcial para os indivíduos considerados em risco social, possuindo acesso a instituições específicas, como a APAE, voltadas para o atendimento desse público em especial recebendo tratamento, educação e formação para o trabalho, de acordo com suas capacidades.

A implementação de leis voltadas para a inclusão no país, provocou transformações importantíssimas na concepção de inclusão para a sociedade. Os investimentos do Estado sobre as Políticas Públicas, a Educação e a participação social destas pessoas, foram estruturados aos desejos das pessoas com deficiências e suas famílias. Pensando no processo educativo: “O simples fato de o aluno frequentar a escola, tendo a oportunidade de conviver com os demais colegas e professores, justificaria sua permanência em sala de aula. Negligencia-se a construção do conhecimento em prol da socialização do sujeito” (HATTGE e KLAUS, 2014, p. 329).

Sobre essa problemática, o processo de inclusão não deve priorizar somente a participação desses estudantes em sala, mas sim, oportunizar a aprendizagem para todos os estudantes. A escola deve ter o compromisso com o desenvolvimento de todos os estudantes, por isso, nos processos inclusivos para uma grande preocupação com relação aos materiais e a implementação de metodologias de ensino que possam significar uma aprendizagem para todos, levando-se em consideração as necessidades específicas e potencialidades de cada estudante. O que se vê muitas vezes é uma grande preocupação centrada nas metodologias de ensino. Assim, ainda de acordo com os autores, a inclusão ainda é vista como algo natural que acontece de forma isolada do restante do processo.

É preciso considerar que diferentes estratégias são fundamentais para desenvolver a todos:

Criar e organizar estratégias que percebam as questões individuais e de grupo, que permeiam o processo de aprendizagem, e utilizá-las a seu favor, seja como pistas para estudo e pesquisa, seja como produção de práticas pedagógicas que tencionem permanentemente os processos de ensino e aprendizagem implementados em sala de aula (HATTGE e KLAUS, 2014, p. 330).

As informações recebidas geralmente não são transformadas totalmente em conhecimento e é aí que o docente deve reconhecer as diferenças de cada estudante, já que todos não estão ali somente para a socialização, mas também para aprenderem.

Orrú (2012) ressalta que uma das características mais marcantes em relação ao desenvolvimento da maioria das crianças autistas, percebidas na escola, são os déficits de comunicação e linguagem, a ausência de linguagem verbal e o seu desenvolvimento tardio.

Essas dificuldades observadas no autista são significadas erroneamente pelo grupo social em que elas estão inseridas, onde o baixo investimento nos processos de socialização e educação está pautado em uma visão que considera seu nível de desenvolvimento inferior à de outras crianças. Assim: “[...] cabe exatamente ao processo educacional destas pessoas a tentativa de desenvolvimento dessas insuficiências através do que são capazes de realizar investindo no processo de interação com o grupo social” (CRUZ, 2014, p. 60).

Ainda, no caso da Educação Infantil, esta representa integralmente um dos principais objetivos da escola, que é promover a socialização de todas as crianças, uma vez que é o primeiro momento em que elas começam a se socializar de maneira direta com outras pessoas que não fazem parte do seu convívio diário e familiar. A escola nesse caso se torna um ambiente fundamental para todas as crianças.

É preciso também que as habilidades do estudante sejam levadas em consideração para que ela consiga se desenvolver de forma plena: “No caso do autista, o que está em jogo são as habilidades. É

---

nelas que se deve investir para, assim, desenvolver as inabilidades (...). Isso reafirma a necessidade de não se esperar um comportamento dado, ao que a maioria dos indivíduos do espectro autista não corresponde” (BASÍLIO e MOREIRA, 2014 p. s/n).

O docente pode contribuir para o desenvolvimento social da criança autista através da: “utilização de todos os recursos disponíveis relacionados à socialização, aquisição de linguagem e comunicação, e adequação de comportamentos” (SILVA et al., 2012, p. 158).

Deve-se exercitar a tolerância, a paciência, a amizade, a solidariedade e a confiança, para que o estudante se sinta amparado e acolhido, tanto pelo docente quanto pelos colegas de classe: “[...] para que ocorra a educação para uma criança autista, alguns fatores devem ser levados em consideração, por exemplo: a dificuldade de comunicação do autista e as alterações repentinas de humor dessas crianças” (PEREIRA, et al., 2013, p. 65).

Porém, é preciso observar que no Brasil, as lacunas na formação docente quanto a inclusão são bem acentuadas. Azevedo (2017) traz uma revisão bibliográfica baseada em práticas pedagógicas desenvolvidas com educandos autistas em escolas do ensino comum. A conclusão do autor foi a de que menos de 20% dos profissionais da educação possuem formação específica ou continuada nessa área, não sendo encontrado registro de capacitação específica para se trabalhar com TEA.

Para muitos docentes, a inclusão ainda é uma realidade preocupante. As especificidades de educandos com diferentes características, como no caso do TEA, aliado ao desenvolvimento de uma prática pedagógica não direcionada, dificulta o trabalho de intervenção adequado para os mesmos, resultando em insegurança por parte dos docentes (MATOS e MENDES, 2014).

Os docentes ao perceberem uma criança com dificuldade de se desenvolver, muitas vezes, têm receio de conversar com os pais e responsáveis sobre as suas observações, pois muitos não aceitam inicialmente que a criança possui alguma deficiência, o que pode vir a dificultar o diálogo entre docentes e responsáveis sobre o assunto (BRASIL, 2003).

Ou seja, em alguns casos: “A criança autista apresenta uma aderência inflexível a rotina ou rituais reagindo com intensa ansiedade a mudanças imprevistas no ambiente” (SURIAN, 2010, s/p.); assim cabe ao docente utilizar metodologia eficaz para todos a fim de amenizar todo o “estresse” causado pela rotina escolar. Compreender e detectar o modo peculiar como todos se situam no mundo com suas características individuais permite ao docente desenvolver sua prática auxiliando o desenvolvimento infantil em consonância com os objetivos dessa fase.

Assim, a participação da família junto a esses educandos também contribui para definir o sucesso ou fracasso do processo de inclusão de todos no ambiente escolar. Não só o papel do docente é importante no processo mediador, mas também o apoio que a família dá e recebe é essencial.

## O TEA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo diferentes autores referenciados no tema em questão, a metodologia de ensino utilizada muitas vezes com a criança com TEA, em vez de auxiliá-la, acaba criando obstáculos na busca por melhores formas de intervenção, levando a comprometimentos no aprendizado. Determinadas situações presentes na Educação Infantil fazem com que as diferenças intelectuais se sobressaiam em relação ao grupo, resultando muitas vezes no fracasso escolar observado ao longo do processo de escolarização (PEREIRA e SCHMITT, 2016).

Assim, deve-se buscar modos de ressignificação para enfrentar as dificuldades enfrentadas pelo docente da Educação Infantil no trabalho de inclusão com todos. Para isso, é preciso ressignificar o trabalho não só do ponto de vista dessa condição, mas considerar a criança enquanto sujeito de direitos que devem ser observados, respeitados e cumpridos.

Ou seja, a intenção é refletir sobre o TEA e a inclusão da criança na Educação Infantil, bem como o enfrentamento dos desafios encontrados pelos docentes tendo em vista o desenvolvimento e a inclusão escolar dessas crianças especificamente.

O docente deve saber como o estudante está aprendendo e se desenvolvendo; as dificuldades enfrentadas na Educação Infantil parta que o processo de inclusão aconteça de forma efetiva e os processos educacionais que contribuem para acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem das mesmas, priorizando o relacionamento das famílias com profissionais da educação e saúde (CHICON et al., 2014).

---

Klein (2010) traz que a palavra inclusão tem sido utilizada de forma equivocada na área da educação delimitando práticas que gostaríamos que fossem mais justas, democráticas e solidárias. Porém, a inclusão vai além de uma mera inserção, havendo a necessidade de tonar a criança parte de um todo, para que o mesmo não seja excluído por apresentar comportamentos e características diferenciadas.

Para que a escola promova inicialmente o desenvolvimento, no caso da Educação Infantil, e posteriormente a aprendizagem é necessário que ela possua uma prática pedagógica coletiva na qual deixe bem claro a importância do envolvimento familiar com a escola, além de mudanças de caráter estrutural e metodológico, privilegiando metodologias de ensino que se adéquem as reais necessidades de cada criança:

As escolas, de modo geral, têm conhecimento da existência das leis acerca da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no ambiente escolar e da obrigatoriedade da garantia de vaga para estas. As equipes diretivas respeitam e garantem a entrada destes alunos, mostrando-se favoráveis à política de inclusão, mas apontam alguns entraves pelo fato de não haver a sustentação necessária, como por exemplo, a ausência de definições mais estruturais acerca da educação especial e dos suportes necessários a sua implementação (PAULON *et al.*, 2005, p. 25-26).

De acordo com Mousinho *et al.* (2010), as crianças autistas apresentam dificuldades de comportamento e socialização, sendo vistas geralmente como excêntricas pelos demais colegas, tornando difícil e complexo o papel do docente diante dos desafios de ensinar e incluir simultaneamente. Desta forma, a rigidez em determinadas situações gera dificuldades em aceitar mudanças, tornando-as mais vulneráveis e ansiosas.

Ainda, de acordo com o autor, as crianças querem fazer parte do mundo social e ter amigos. O papel docente nessa perspectiva é a de facilitar essa socialização em sala de aula e adequar a sua metodologia para atender as necessidades de cada criança. Muitas vezes, alguma criança fica à margem do conhecimento não participando de atividades grupais, fato que exige do docente muita sensibilidade a fim de incluí-lo no convívio com o meio, visto que é através da socialização que se constitui o desenvolvimento e aprendizagem.

Para isso, o docente deve ser capaz de observar as dificuldades existentes e investigar o nível de desenvolvimento de cada educando para que ele saiba quais aspectos devem ser trabalhados com a criança.

Porém, o que se tem observado na realidade das escolas, é que a formação docente não oferece base sólida nos aspectos teóricos e práticos, de modo que poucos possuem formação básica centrada nos aspectos inclusivos ou específicos para o autismo, implicando a falta de compreensão acerca das necessidades diferenciadas e conhecimentos necessários para ensinar a criança com autismo, o que reflete nas dificuldades observadas não só na Educação Infantil, mas como um todo ao longo da Educação Básica (MOURA e NETO, 2012).

Por fim, considera-se relevante a discussão e pesquisa sobre esta temática, uma vez que possibilita ampliar as discussões já encontradas na literatura compreendendo o Autismo e suas características, permitindo-se repensar sobre a inclusão escolar e os desafios enfrentados pelos docentes para consolidá-la garantindo a progressão das aprendizagens das crianças no contexto da Educação Infantil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Infantil já tem em sua natureza o trabalho com a transversalidade e a oferta de propostas inúmeras que abrangem aos diversos interesses apresentados por todos e por cada um.

O trabalho com as crianças com TEA na Educação Infantil deve considerar a identificação de quais meios o docente utiliza para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças nessa etapa em específico; a avaliação das aprendizagens; a capacidade de desenvolvimento das crianças a partir das várias perspectivas de intervenção existentes; e a identificação dos critérios de escolha dos docentes sobre os meios utilizados para acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem das mesmas.

Ainda, é preciso que o sucesso dessas práticas envolvam o desenvolvimento de uma escola que traga um ambiente de formação tanto para os educadores quanto para os responsáveis, aproximando as famílias a fim de trocar informações tanto pedagógicas quanto relacionais, favorecendo um



---

fortalecimento desse processo. Isso contribuirá para tornar as famílias protagonistas, auxiliando os educadores na transformação de um ambiente de aprendizagem que resulte em equidade.

Incluir o estudante em sala de aula faz com que ela se desenvolva de forma plena, como todas as outras buscando alternativas coerentes, contribuindo ainda com o desenvolvimento das mesmas e auxiliando o trabalho docente é essencial dentro do processo de inclusão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

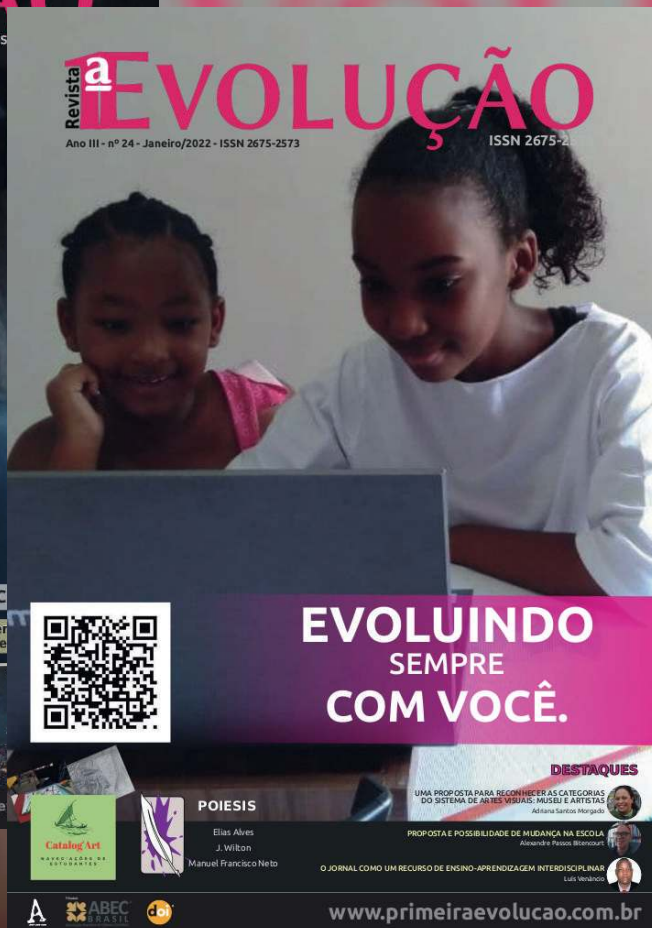
- AZEVEDO, M.O. **Práticas pedagógicas desenvolvidas com alunos com transtorno do espectro autista na escola regular**: uma revisão integrativa da literatura. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017, 153 p.
- BOSA, C.A.; SIFUENTES, M.; SEMENSATO, M.R. Coparentalidade e autismo: Contribuições teóricas e metodológicas. In Piccinini, C. A. & Alvarenga, P. (Orgs.), **Maternidade e Paternidade – A parentalidade em diferentes contextos**, São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2012, pp. 269-293.
- BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, 2003. 64p.
- CHICON, J.; SÁ, M.; FONTES, A. Natação, Ludicidade e Mediação: a Inclusão da Criança Autista na Aula. **Revista da Sobama**, Marília, v. 15, n. 1, p. 15-20, Jan./Jun., 2014.
- CONSENZA, R.M.; GUERRA, L.B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto alegre, Artmed, 2011.
- CRUZ, T. **Autismo e Inclusão: experiências no ensino regular**. Jundiaí: Paco editorial, 2014.
- HATTGE, M.D.; KLAUS, V. A Importância da Pedagogia nos Processos Inclusivos. **Revista Educação**. Especial | v. 27 | n. 49 | p. 327-340| maio/ago. 2014 Santa Maria. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X7641>. Acesso em: 07 dez. 2021.
- KLEIN, R.R. A escola inclusiva e alguns desdobramentos curriculares. In: KLEIN, R. R.; HATTGE, M. D (Org.). **Inclusão escolar: implicações para o currículo**. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2010.
- KHOURY, L.P.; TEIXEIRA, M.C.T.V.; CARREIRO, L.R.R.; SCHWARTZMAN, J.S.; RIBEIRO, A.F.; CANTIEIRI, C.N. **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar: guia de orientação a professores** [livro eletrônico]. -- São Paulo: Memnon, 2014, 54 p.
- MATOS, S.N.; MENDES, E.G. **A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementações das políticas educacionais**. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 10, n. 16, p. 35-59, Jan./Jun., 2014.
- MOURA, S. M.; NETO, E. A. P. O papel do professor de apoio permanente para alunos com necessidades educativas especiais: reflexões sobre as políticas públicas e suas ações educativas nas salas de Ensino regular. In: **Semana da Educação**, 2012, Londrina. Anais...Londrina: UEL, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/educacaoespecial/opapeldeprofessorde.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- MOUSINHO, R. et al. Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo: Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 27, n. 82, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862010000100010&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862010000100010&script=sci_abstract). Acesso em: 12 dez. 2021.
- ORRÚ, E.S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- PAULON, S.M.; FREITAS, L.B.L.; PINHO, G.S. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: MEC, SEESP, 2005. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaeinclusao.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- OGUIZA, A.G. Our experience with the a etiological diagnosis of global developmental delay and intellectual disability: 2006-2010. **Neurologia**. 2014; 29(7):402-7.
- SILVA, A.B.B; GAIATO, M.B.; REVELES, L.T. **Mundo singular: entenda o autismo**. Editora Fontana, 2012.
- SURIAN, L. **Autismo: Informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Paulinas, 2010.



### Vilma Maria da Silva

Formada em Pedagogia, Letras/Inglês, História, Artes e com especializações na área de Educação Especial, Inclusiva e Alfabetização e Letramento. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo. Participa da comissão editorial da Edições: Livro Alternativo desde 2016 promovendo ações educacionais e investindo na evolução dos educadores.  
vilmamedrado@gmail.com  
[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

---



#### AUTORES(AS):

Adelina Ursula Correia de Lima  
Adriana Santos Morgado  
Alexandre Passos Bitencourt  
Diego Daniel Duarte dos Santos  
Elaine Cristina Reis de Lemos  
Evelice de Souza Evangelista  
Juliana Aparecida Pinheiro de Araujo  
Luís Venâncio  
Marta Batista Justino Caetano  
Vanda de Lima Rodrigues  
Vilma Maria da Silva

#### ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.24>

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

Filiada à:

